

**VEIGA, Felipe Berocan. *Baile de Gafieira: uma instituição urbana nos quadros da memória carioca.* Niterói: EdUFF, 2021.**

## **A gafieira como instituição urbana**

Gafieira as an urban institution

**Jorge Pinto Medeiros Neto**

Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

### **RESUMO**

*Baile de Gafieira: uma instituição urbana nos quadros da memória carioca*, resultado de uma longa pesquisa do antropólogo Felipe Berocan Veiga, analisa detidamente o universo das gafieiras e *dancings* tomando como ponto de partida a etnografia da Gafieira Estudantina em seus últimos anos de funcionamento no centro histórico do Rio de Janeiro. Como uma instituição urbana e moderna por excelência, a gafieira possibilita que os corpos se aproximem num espaço público limitado, mobilizando dispositivos de autocontrole e regulação física da distância social, marcas da vida cidadina. Com seus estatutos, valores e significados simbólicos, essa instituição “encarnada em personalidades fundamentais” inscreve a Praça Tiradentes como referência da dança no imaginário urbano carioca. O livro aborda um tema inédito sob a perspectiva antropológica, reconstituindo a memória social desses espaços voltados para a dança não só como um tipo de divertimento popular, mas como um *rito urbano*, que cria comportamentos e sociabilidades, estabelece costumes e dá vida a um modo de ser próprio da civilidade.

**Palavras-chave:** Gafieira, Dança social, Dança de salão, Praça Tiradentes, Rio de Janeiro.

---

Recebido em 31 de outubro de 2021.  
Aceito em 03 de novembro de 2021.

---



**ABSTRACT**

*Baile de Gafieira: an urban institution in the frames of carioca memory*, the result of extensive research by the anthropologist Felipe Berocan Veiga, analyzes in detail the universe of gafieiras and *dancings* taking as a starting point the ethnography of Gafieira Estudantina in its last years of operation in the historic center of Rio de Janeiro. As an urban and modern *institution* par excellence, the gafieira allows bodies to come closer together in a limited public space, mobilizing devices of self-control and physical regulation of social distance, which are marks of city life. With its statutes, values and symbolic meanings, this *institution* “incarnated in fundamental personalities” inscribes Praça Tiradentes as a dance reference in the urban imagination of Rio de Janeiro inhabitants. The book addresses an unprecedented theme from an anthropological perspective, reconstituting the social memory of these spaces dedicated to dance not only as a type of popular entertainment, but as an *urban rite*, which creates behaviors and sociability, establishes customs and gives life to a way of living characteristic of civility.

**Keywords:** Gafieira, Social dance, Ballroom dance, Tiradentes Square, Rio de Janeiro.

“O uso principal da cidade, isto é, das ruas e das praças,  
dos edifícios e dos monumentos, é a Festa.”  
(LEFEBVRE, 2015)

Uma etnografia é um tipo de operação escriturária, uma forma narrativa própria da antropologia que procura restabelecer, a partir das análises e coleta de dados, a experiência empírica do pesquisador. No processo de produção textual, o ato de escrever implica numa série de decisões que precisam ser feitas e, para o antropólogo, talvez a primeira delas diga respeito exatamente sobre o que escrever; o que deve ou não figurar numa descrição, fugindo a um descritivismo excessivo ou etnografismo enfadonho. Não há como falar de um objeto sem descrevê-lo com propriedade, pois “[...] para contar é necessário primeiramente construir um mundo, o mais mobiliado possível, até os últimos pormenores” (ECO, 1985, p. 21).

Em *Baile de Gafieira: uma instituição urbana nos quadros da memória carioca* (2021), o mundo das gafieiras é (re)construído em pormenores para uma sofisticada análise conjugando a riqueza etnográfica à própria história desses antigos salões tradicionais de dança a dois. O cuidado do etnógrafo, preocupado em fazer com que o leitor não perca o ritmo, fica evidente ainda em não deter seu olhar apenas para o salão, lugar onde os dançarinos se apresentam e o baile acontece. Ao circular por outros espaços menos óbvios, são desvendadas múltiplas relações que se estabelecem nos bastidores de uma afamada casa de dança.

O compasso musical quaternário dos diferentes ritmos dançados no salão das gafieiras está refletido na própria estrutura e forma de organização do livro: “São quatro passos em busca do equilíbrio e da pertinência no espaço, uma lição dos dançarinos no exercício de sua arte” (VEIGA, 2021, p. 20). Assim, o texto aparece ordenado em quatro capítulos que se desdobram em quatro partes e procuram guiar o leitor numa espécie de *parcours commenté* iniciando na Praça Tiradentes entre reformas urbanísticas, diante das fachadas geminadas que ligam a nova Estudantina Musical ao seu passado indissolúvel.

Com o título *A fachada do sobrado*, o primeiro capítulo explora as ruínas da antiga Estudantina Musical de uma perspectiva heurística, em busca de um passado que se apresenta em fragmentos dispersos e contraditórios. Para o sociólogo alemão Georg Simmel, um edifício que começa a ruir representa uma reviravolta na correlação de forças que antes atuavam sobre aquela matéria. A condição de *liminaridade* de uma ruína – entre o *ainda não* e o *não mais* – enfatiza a persistência da natureza sobre a própria construção humana, sendo que essa recusa à renúncia de sua existência original é o que lhe confere um efeito estético sedutor (SIMMEL, 1998 [1911]).

A *arqueologia urbana* como forma de exercitar a memória *a partir da própria materialidade dos espaços urbanos* (MELLO; VOGEL, 2017) é explorada em boa parte do texto e permite não apenas reconstituir o antigo sobrado da Estudantina, mas conduzir o leitor por outros endereços da dança social no Rio de Janeiro hoje desaparecidos, tendo a Praça Tiradentes como epicentro. Através das histórias contadas por velhos frequentadores, de consultas ao *Diário Oficial da União* como ferramenta pouco usual de pesquisa urbana e de matérias publicadas em diferentes jornais, o etnógrafo, como quem monta um quebra-cabeças, vai construindo um quadro de referências, uma *topografia legendária* das gafieiras cariocas:

*A topografia legendária das gafieiras ressurgia a partir da referência a nomes, ruas e bairros cariocas, que conduziam a uma nova série de endereços desvendados a partir de uma busca obsessiva por lugares do passado no presente, quase todos profundamente alterados (VEIGA, 2021, p. 157, grifo do autor).*

Ainda ao final do primeiro capítulo, Veiga destaca um tópico raramente observado na pesquisa antropológica: a presença de espanhóis galegos no comando de negócios de entretenimento e lazer noturno no Rio de Janeiro. As pesquisas sobre imigração, tema fundante da Escola Sociológica de Chicago, permitem pensar a empresa familiar como uma forma fundamental de adaptação dos recém-chegados ao país, ao mesmo tempo que revelam problemas e disputas na sucessão desses negócios. A investigação apresenta, a partir da década de 1950, a chegada

de grupos de espanhóis originários da zona rural da Galícia que dedicaram suas vidas no Brasil a um segmento urbano que “[...] podemos chamar de *indústria do acolhimento*: as gafeiras, as boates e cabarés, os bingos e casas de jogos, os hotéis e motéis, as pensões e hospedarias, as confeitarias e padarias, os restaurantes e bares, as tabernas e adegas da metrópole carioca” (VEIGA, 2021, p. 113).

No capítulo seguinte, *A entrada e a escadaria*, Veiga descreve os ritos da porta e a entrada cerimonial, bem como analisa situações cotidianas e inusitadas que ocorrem na portaria de uma casa noturna. Permanecer disponível constitui uma importante exigência do trabalho de pesquisa, para que o observador se deixe *flutuar* pelos encontros fortuitos e pelo anonimato relativo que tanto caracterizam o meio urbano. As conversações mantidas no *limen*, à soleira da porta, entre o segurança, o produtor e o organizador do baile, são repletas de jocosidades e mostram uma *expertise* do etnógrafo em incorporar no campo questões extraordinárias que por vezes nos escapam, mas que fazem parte dos relacionamentos humanos: a espera angustiante, a entrada barrada, os comentários maledicentes, tudo transborda na portaria do salão que, da calçada, só se imagina, pois não se revela à vista.

Subindo a escadaria do sobrado, o antropólogo chama a atenção do leitor para o “estatuto da gafeira” como um dispositivo que, a despeito de sua adesão tácita, é carregado de um conteúdo moral capaz de submeter moralmente seus frequentadores àquele ambiente que “exige respeito”. Nesse tipo de regramento, figuram como temas importantes o vestuário e o comportamento social, tendo em vista que “[...] o traje e a conduta estão absolutamente ligados entre si, fazendo pensar não só nas diferentes formas de juízo moral baseadas na aparência, mas também nos arranjos e práticas que entrelaçam a estética e a ética” (VEIGA, 2021, p. 188).

No terceiro capítulo, *O salão e os bastidores*, chegamos ao tão esperado baile. A etnografia da pista permite que o leitor seja envolvido por um repertório musical e por uma ambiência caracterizada por uma atmosfera não verbal em que a dança a dois mobiliza um jogo sutil de emoções, representações e significados. A música, nesse sentido, é percebida pelo autor como um elemento fundamental para as performances no salão:

Procurei observar não só as interações no baile, mas também o que as pessoas dançam no salão, o significado do que elas ouvem enquanto se engajam nesse encontro particular, numa sociabilidade muitas vezes sem conversa, mas que jamais se realiza sobre um vazio sonoro ou de sentido. (VEIGA, 2021, p. 252).

O baile começa, sutil e envolvente. A sintonia entre os músicos, no palco, e os dançarinos, na pista, é expressa pela mudança ordenada de ritmos sem intervalo. Cada estilo musical

representa, então, um nível de dificuldade dos passos. Começa “[...] com o bolero, seu nível básico; o ‘soltinho’ ou swing, seu intermediário; e terminando com o samba, o ritmo mais difícil, na modalidade conhecida como ‘samba de gafeira’, em oposição ao ‘samba no pé’” (VEIGA, 2021, p. 248-249). No salão, o autor cumpre o firme propósito de um estudo antropológico integrado, na medida em que vai além do universo dos dançarinos como objeto de sua observação e análise. Há uma diversidade de relações, procedimentos e conflitos que se estabelecem na cena e nos bastidores de uma casa noturna e, nesse sentido, o serviço e a administração do local são responsáveis pela viabilidade do baile, objeto de sua especial atenção.

Em *Da pista ao palco*, título do último capítulo do livro, o autor analisa a expansão do ensino da dança de salão, tomando a Gafeira Estudantina como um lugar fundamental para a iniciação e aquisição de competências. A partir do conceito de *mundos da arte* (BECKER, 2008), o antropólogo apresenta a existência de diferentes linhagens de aprendizado, a profissionalização dos dançarinos – a partir do pioneirismo de Maria Antonietta Guaycurús – e a expansão das academias que inauguraram um mercado personalista da dança de salão: “Processos de atribuição de prestígio, baseados no reconhecimento do talento, na genealogia da aprendizagem e no tempo de dedicação à dança, foram constituindo o que podemos chamar de *mundo da dança de salão* [...]” (VEIGA, 2021, p. 311, grifo do autor).

A Gafeira Estudantina, além de ter se consolidado no imaginário urbano como lugar de referência da dança de salão, constitui-se também como espaço consagrado de homenagens e distribuição de prêmios a personalidades e artistas famosos. Veiga mostra como esse exercício da hospitalidade, a partir da concessão de honrarias como placas, troféus, faixas, coroas e os “batismos” de seus espaços internos, representam mais do que momentos solenes, mas uma forma particular de visibilidade e sobrevivência da casa noturna. Essa estratégia, ao criar *obrigações morais recíprocas*, passa a atrair o público para as “canjas” num jogo de cooptação capaz de enredar cada vez mais pessoas para a gafeira.

No epílogo, *Uma lição de urbanidade*, o leitor é conduzido de volta à Praça Tiradentes, uma importante área histórica que, exercendo uma centralidade na vida cultural da cidade com seus teatros e bares, passou a despertar o interesse dos projetos de renovação. Se por um lado, como *benesses urbanas*, tais projetos são alardeados como capazes de restituir o desenvolvimento econômico, social e moral de áreas “degradadas e mal frequentadas”; por outro, a pressão do capital imobiliário resulta num *drama social* com ameaças de fechamento e ordens de despejo, trazendo à tona dilemas e contradições das políticas de tombamento do patrimônio cultural municipal. Esse jogo de forças e interesses criam um sentimento de incerteza nos comerciantes locais em relação ao futuro de seus negócios à moda antiga.

Ao longo de todo o texto, a gafeira é caracterizada, sobretudo, como uma *instituição* urbana que surge na modernidade e possibilita que os corpos se aproximem num espaço público circunscrito. Uma *instituição* com seus estatutos, valores e significados simbólicos que, “encarnada em personalidades fundamentais”, inscreve a Praça Tiradentes como seu lugar na memória urbana carioca. A dança a dois, portanto, exige um repertório de muitas competências que, capturadas pela observação e sensibilidade do etnógrafo, evidenciam os dispositivos de autocontrole e as formas de regulação física da distância mínima que marcam a vida cidadina.

O livro de Felipe Berocan Veiga, resultado de uma longa pesquisa empírica, aborda um tema inédito sob a perspectiva antropológica reconstituindo a memória social dessas instituições urbanas voltadas para a dança social carioca. *Baile de Gafeira* não trata apenas de uma forma de divertimento e lazer popular no coração da metrópole, mas de um lugar no qual a dança, como um *rito urbano*, cria comportamentos e sociabilidades, estabelece costumes e dá vida a um modo de ser próprio da civilidade.

## REFERÊNCIAS

1. BECKER, Howard Saul. **Art worlds**: 25<sup>th</sup> Anniversary Edition; uploaded and expanded. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 2008.
2. ECO, Umberto. **Pós-escrito a O Nome da Rosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
3. LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2015.
4. MELLO, Marco Antonio da Silva; VOGEL, Arno; MOLLICA, Orlando. **Quando a rua vira casa**: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 4. ed. Niterói: EdUFF, 2017.
5. SIMMEL, Georg. A ruína [1911]. In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold (org.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora UnB, 1998. p. 137-144.
6. VEIGA, Felipe Berocan. **Baile de Gafeira**: uma instituição urbana nos quadros da memória carioca. Niterói: EdUFF, 2021.

*Jorge Pinto Medeiros Neto*

Doutorando em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. Técnico em Assuntos Educacionais pela Universidade Federal Fluminense. Pesquisador do Laboratório de Etnografia Metropolitana. ID ORCID: <https://0000-0001-8299-8983>. E-mail: [jorgemedeiros@id.uff.br](mailto:jorgemedeiros@id.uff.br)